



## XV JORNADA CIENTÍFICA DOS CAMPOS GERAIS IREITOS HUMANOS A CAMINHADA NA PRODUÇÃO ARTÍSTICA, LITERÁRIA E CULTURAL

Ponta Grossa, 25 a 27 de outubro de 2017.

---

### FOLHA BRANCA TINTA PRETA: O DIÁRIO BRANCO DE ALMA NEGRA

Josiane Chicora<sup>1</sup>  
Fernanda Marcovicz<sup>2</sup>  
Tathie Cristine Rosa<sup>3</sup>  
Larissa Magnabosco<sup>4</sup>  
Izabele C.R. Gomes<sup>5</sup>

**Resumo:** *O presente trabalho está voltado para a escritora Carolina Maria de Jesus, mulher negra, moradora da favela do Canindé, Zona Norte de São Paulo, a qual trabalhava como catadora e registrava o cotidiano da comunidade em cadernos que encontrava no lixo. Ela é considerada uma das escritoras mais importantes do Brasil, apesar de toda discriminação sofrida por raça, cor, classe baixa e gênero. O intuito aqui é mostrar os motivos que levaram ao silenciamento desta escritora e de seu diário.*

**Palavras-chave:** Carolina Maria de Jesus. Literatura. Gênero Diário.

#### Introdução

Carolina Maria de Jesus foi uma escritora brasileira nascida no dia 14 de março de 1914 em Sacramento no Mato Grosso. Logo mudou-se para São Paulo e foi morar em uma das favelas que na época estavam surgindo, Carolina tinha pouco estudo tendo apenas o ensino primário e trabalhava como catadora de lixo.

Carolina mesmo com pouco ensino gostava muito de escrever e em sua casa guardava vários cadernos para que pudesse escrever seus relatos. Ela escrevia todo o seu dia em seus cadernos e enfocava as situações que vivenciava na favela. Um de seus cadernos de relatos foi transformado em seu primeiro livro publicado, tornando-se muito conhecido, desta forma abrindo portas para outras publicações de seus cadernos. Ela era uma mulher de personalidade forte, que não era mudada facilmente, mulher negra, semianalfabeta e mãe solteira.

---

<sup>1</sup> Acadêmica do 6º Período Lic. Port./Libras- IESSA<josianechicora@gmail.com.br>

<sup>2</sup> Acadêmica do 6º Período Lic. Port./Libras- IESSA<nanda.marcovicz@outlook.com>

<sup>3</sup> Acadêmica do 6º Período Lic. Port./Libras –IESSA<tathie.nine@gmail.com>

<sup>4</sup> Acadêmica do 6º Período Lic. Port./Libras –IESSA<lari18.magna@hotmail.com>

<sup>5</sup> Prof.<sup>a</sup> Mestre, pesquisadora do curso Lic. Port. /Libras – IESSA <prof.izabele@iessa.edu.br>

Suas obras eram caracterizadas pela maneira que escrevia, a intencionalidade era algo marcante em sua escrita, seus diários ou relatos não eram visando um público específico e sim a contar o que ocorria em sua vida da maneira mais sincera possível - em seus diários, autor e texto não existiam separadamente. Desta forma chamou a atenção de Audálio Dantas o qual transformou Carolina numa personagem que saiu do lixo para o asfalto, transformou-a em uma escritora. Dantas organizou o discurso de Carolina estabelecendo um fio narrativo entre os diferentes momentos narrados por ela a fim de construir seus traços de personalidade como vítima com imagem de conformismo.

Outra forma de mencionar suas obras é sua dificuldade em ser reconhecida por ser uma autora negra. O negro que não sabe ler e escrever, pensamento enraizado na sociedade, porém, pensamento este que aqueles que têm a oportunidade de ler Carolina concluem que cor não influencia na competência, podendo o negro sim criar obras de um cunho excelente.

Apesar de não concluir seus estudos Carolina Maria de Jesus fez com que sua forma de ver e encarar a realidade de sua vida a trouxesse depois de muita luta seu reconhecimento como escritora, traçado em fatos de relatos de sua própria história, com ajuda de pessoas mais experientes no mundo da escrita, conseguiu destacar-se como sendo umas das mais importantes escritoras negras de seu país. Porém, a fama não durou muito tempo e a mesma Carolina que provou a ascensão, provou o gosto amargo do declínio.

Carolina lutou contra todas as barreiras da sociedade, sua exclusão devida sua cor não a fizeram desistir de seus objetivos. O Diário de Bitita foi um exemplo claro de suas superações, sua narração é de forma muito clara e ampla, ressaltando pontos importantes do preconceito da sociedade em relação a um negro que não sabe fazer mais nada além de trabalhar, de servir.

Quarto de Despejo foi sua obra mais conhecida, na qual menciona a vida na favela de Canindé. A temática encontrada nos seus livros são problemas atuais que vem sendo destacados desde os anos 50. Carolina Maria de Jesus viveu de forma muito simples em sua favela, irritou a elite de sua época ao mostrar a realidade que os políticos tentavam esconder.

## **Objetivo geral**

Demonstrar a luta pelo direito de ser reconhecida como escritora, apesar de sofrer preconceito.

### **Objetivo específico**

Apresentar a obra de Carolina de Jesus uma mulher que sofria preconceito por ser uma negra que morava na favela, catadora de lixo e semianalfabeta.

Esclarecer que apesar de não usar a língua de maneira culta é possível encontrar nos escritos de Carolina a arte literária.

Mostrar a existência das obras de Carolina e o preconceito que ela viveu para poder se tornar escritora.

Elucidar o silenciamento das páginas negras da escritora, as quais foram escritas em folhas brancas.

### **Metodologia**

O projeto de pesquisa desenvolveu-se na disciplina de Literatura com a professora Ms. Izabele Caroline Rodrigues Gomes, analisando as obras da escritora Carolina Maria de Jesus, e ressaltando as características mais forte apresentadas em suas obras, tais como o preconceito em relação a classe social e a cor. A abordagem é a revisão de literatura.

### **Resultados/Resultados parciais e discussão**

Esta pesquisa possibilitou a comprovação de que a literatura produzida pelo marginal é ainda silenciada. A sociedade de certa forma aceita que se fale do negro quando este é um personagem e não o escritor da história. O silenciamento ocorreu com Carolina, a qual não teve sua carreira consagrada e de certa forma foi esquecida pela Literatura.

### **Considerações finais**

As obras da autora têm como finalidade impactar a sociedade fazendo-a abrir os olhos para a realidade de que milhares de pessoas viviam na época de cinquenta. Essa realidade ainda é muito implícita nos dias atuais, os mesmos problemas sociais enfrentados nas favelas e a discriminação devido a etnia permanecem de forma bem viva na sociedade atual.

Carolina só concluiu as séries iniciais, mas assim mesmo, por meio de seus relatos sobre a vida na favela conseguiu seus livros, sua primeira obra vendeu 100 mil exemplares no total de três edições, sendo traduzida para 13 idiomas e vendida em mais de quarenta países.

Essa mesma Carolina provou o gosto do declínio, o gosto amargo do preconceito social. Uma escritora negra, favelada, marginalizada dificilmente duraria tanto tempo nas vistas dos holofotes. Seus escritos, seu diário, sua vida passada para o papel, foram rapidamente despejados no esquecimento, tendo esta seu direito à cultura, negado. Páginas negras, escritas pelas mãos calejadas e sofridas de Carolina foram apagadas e negadas por uma sociedade branca, a qual dita as regras, dá voz e silencia, fornece a caneta e a folha.

## **Referências**

**JESUS**, Carolina Maria de. Diário de Bitita. Ed. São Paulo: SESI-SP, 2014

**PINHEIRO**, João; **BARBOSA**, Sirlene. Carolina. Ed. São Paulo: Veneta, 2016

**SANTOS**, Joel Rufino dos. Carolina Maria de Jesus: uma escritora improvável. Ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2009

**SILVA**, Wilson Honório da. O mito da democracia racial: um debate marxista sobre raça, classe e identidade. Ed. São Paulo: Sundermann, 2016

**SOUZA**, Germana Henriques Pereira de. Carolina Maria de Jesus: o estranho diário da escritora vira lata. Ed. Vinhedo: Horizonte, 2012